

# TELICIDADE E CLASSES ASPECTUAIS

Teresa Cristina WACHOWICZ<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este trabalho trata de aspecto do léxico verbal em PB, questionando a atribuição do traço “telicidade” às classes aspectuais conhecidas na literatura lingüística como *accomplishments* (construir uma casa, limpar a mesa) e *achievements* (quebrar, cair). A hipótese é que o traço de telicidade não está no léxico; a informação que o verbo supostamente télico traz é de outra natureza, e diz respeito a uma pressuposta oposição de predicação sobre o argumento afetado – mais usualmente conhecido como objeto direto. Isso acarreta logo de imediato que o léxico verbal traz informações tanto semânticas quanto sintáticas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Aspecto. Léxico. Telicidade.

## Introdução

O problema que proponho apresentar neste trabalho diz respeito ao léxico verbal e leituras aspectuais. Mais especificamente, ao traço de telicidade que a literatura lingüística costuma atribuir ao léxico de alguns verbos, como “cortar”, “cair”, “quebrar”, “construir”, em detrimento de “andar”, “ser”, “ter”, “nadar”. Tomo “telicidade” como “o ponto final inerente e interno de um evento” (BERTINETTO, 2001, p.179), definição semelhante à do senso comum:<sup>2</sup> “culminância de uma ação”.

---

<sup>1</sup> Departamento de Lingüística, Letras Clássicas e Vernáculas, Setor de Ciências Humanas Letras e Artes, UFPR, Curitiba, Paraná, Brasil. tecaw@terra.com.br

<sup>2</sup> Cf. Dicionário Houaiss (HOUAISS; VILLAR, 2001).

Minha hipótese aqui será a de que o traço de telicidade não está no léxico; a informação que o verbo supostamente télico traz é de outra natureza, e diz respeito a uma pressuposta oposição de predicação sobre o argumento afetado – mais usualmente conhecido como objeto direto. Isso acarreta logo de imediato que o léxico verbal traz informações tanto semânticas quanto sintáticas. Mas para chegar até aí, há um longo caminho de conceitos, que pretendo elucidar aqui.

## A telicidade como fenômeno externo ao verbo

Uma questão central que pretendo assumir é que o léxico verbal exhibe algumas regularidades semânticas, especialmente com relação à interpretação aspectual.<sup>3</sup> Elas podem ser evidenciadas em estruturas sentenciais semelhantes com sistemas de acarretamentos distintos ou interpretações díspares, produzidos essencialmente pelo léxico:

- (1) a. João estava nadando → João nadou.  
b. João estava fazendo um bolo → ~João fez o bolo. ⇒ O paradoxo do imperfectivo (DOWTY, 1979).
- (2) a. João está sabendo matemática. ⇒ estativo  
b. João está piscando pra Maria. ⇒ iterativo
- (3) a. João vai estar preparando aula amanhã.  
b. ? João vai estar recebendo sua ligação amanhã. ⇒ diferenças de registro
- (4) a. João comeu o bolo ontem, mas deixou um pedaço para hoje.  
b. ? João pendurou um scrap pra mim ontem, mas não terminou de pendurá-lo. ⇒ O paradoxo do perfectivo (SINGH, 1998).

A literatura da área costuma justificar a diferença entre os verbos a) e b) das sentenças acima com base nas informações aspectuais lexicais do verbo. É interessante neste momento fazer mais um esclarecimento teórico. O aspecto é uma propriedade lingüística assumidamente composicional (VERKUYL, 1989, 1993, 1999, 2002), ou seja, depende de vários fenômenos lingüísticos da sentença, desde o léxico até as modificações adverbiais. Alguns autores chegam inclusive a

---

<sup>3</sup> Embora sejam mais conhecidas aos aprendizes de lingüística, também é interessante aqui distinguir as noções de tempo e aspecto: o tempo é um elemento dêitico e referencial e se interpreta na trilogia passado, presente e futuro. O aspecto já é um elemento abstrato e se define como a propriedade ou constituição interna do tempo (COMRIE, 1976). O aspecto pode ser perfectivo ou imperfectivo, sob o ponto de vista qualitativo, e episódico ou iterativo sob o ponto de vista quantitativo (CASTILHO, 2002).

assumir uma distinção entre aspecto lexical – da raiz do verbo – e aspecto gramatical – das flexões. O primeiro ficaria por conta da informação  $\pm$  télico, e o segundo ficaria por conta da informação  $\pm$  perfectivo. Um quadro ilustrativo pode ajudar aqui:<sup>4</sup>

Aspecto lexical	Aspecto gramatical
Informação semântica (traços)	Operação (flexão)
Aspecto de situação, Smith (1997)	Aspecto de ponto de vista
Descrição de eventualidade, Swart (1998)	Coerções
Télico vs. atélico, Rothstein (2004)	Perfectivo vs. Imperfectivo
<i>João acessou o site vs. João nadou</i>	<i>João nadou vs. João nadava</i>

Voltando às sentenças (1) a (4), há distinções lexicais que motivam comportamentos lingüísticos diferentes. Em (1), por exemplo, caso ilustrativo do paradoxo do imperfectivo (DOWTY, 1979), o acarretamento em (1a) é possível porque o verbo “nadar” é atélico (uma atividade), ao passo que em (1b) o acarretamento não é possível porque o verbo “fazer (um bolo)” é télico (um *accomplishment*), ou seja, pressupõe a culminância da ação. Se essa ação é interrompida através da morfologia do progressivo (estar + gerúndio), o ponto télico é neutralizado, logo não tem culminância e o acarretamento do término em (1b) não pode acontecer.

Em (2), o fato de a sentença (2a) ter um verbo estativo (“saber”), torna a sentença homogênea e igualmente estativa, mas (2b) com um verbo *achievement* (“pisca”), e portanto +télico, resulta numa leitura iterativa, pois o gerúndio “-ndo” abre uma duração na qual se repetem os eventos do *achievement*.

Já em (3), temos o caso famoso do gerundismo. A imprensa costuma freqüentemente estigmatizar o gerundismo, atribuindo a essa nomenclatura todos

<sup>4</sup> A distinção entre aspecto lexical e aspecto gramatical como é posta aqui contempla o comportamento das línguas românicas e germânicas. As línguas eslavas quebram com esse paradigma, pois (im)perfectividade e (a)telicidade estão na morfologia derivacional do verbo. Ex: *pisaè* (escrevendo) e *napisaè* (escreveu), no polonês. Maiores esclarecimentos em Wachowicz e Foltran (2007).

os casos de uso da flexão “-ndo”, mas a forma que realmente provoca estranhamento é (3b), e não (3a). Isso se justifica também pelo léxico, pois o verbo “preparar (a aula)”, sendo durativo, ou um *accomplishment*, não provoca reações negativas, mas o verbo “receber”, pontual, ou um *achievement*, ainda mais na forma do tempo futuro, provoca “reações adversas” de “puristas de carteirinha” da língua.

As sentenças em (4) exibem um fato curioso, recentemente nomeado na literatura como “paradoxo do perfectivo” (SINGH, 1998). Nesse fenômeno, algumas sentenças ditas télicas (com o verbo “comer (o bolo)” e perfectivas (flexão “-eu”) podem ter seu término anulado (6a), ao passo que outras sentenças de igual estrutura, com verbo télico (“pendurar (um scrap)”) e flexão perfectiva (“-ou”) não permitem o processo de anulação do término. Isso também se justifica por uma informação lexical: o verbo “comer” é durativo, mas o verbo pendurar é pontual. Associados à natureza do objeto direto, em que “o bolo” tem natureza afetada de tema incremental (KRIFKA 1998; TENNY 1994) e em que “um scrap” não tem natureza afetada pelo verbo, esses verbos exibem o paradoxo do perfectivo.

A terminologia adotada aqui sobre as classes aspectuais de verbos é amplamente explorada na literatura desde Vendler (1967), tradição teórica conhecida como *Aktionsarten*. O autor, na verdade, comprometido com a filosofia analítica inglesa, re-inaugura a tradição aristotélica das classes *kinesis* (processo) e *energeia* (ação) em quatro categorias aspectuais: estados, atividade, accomplishments e achievements. Classes aspectuais (ou accionalidade) são definidas como “*the particular way in which that verb presupposes and involves the notion of time*”. Logo, é importante frisar que as informações lexicais estão pressupostas no verbo.

Alguns trabalhos posteriores, baseados nesta classificação, costumam subespecificar as classes por traços semânticos, cujo comportamento descrevemos acima para as sentenças (3) a (6). Bertinetto (2001), por exemplo, resgata a informação dos traços  $\pm$ durativo,  $\pm$ dinâmico e  $\pm$ homogêneo para montar a tabela abaixo (os exemplos foram inseridos para fins didáticos deste artigo):

Bertinetto (2001)	$\pm$ durativo	$\pm$ dinâmico	$\pm$ homogêneo	exemplos
Estado	-	-	+	Saber
Atividade	+	+	+	Nadar
Achievement	-	+	-	Pendurar
Accomplishment	+	+	-	Comer o bolo

Já Rothstein (2004) simplifica a subespecificação para dois traços:  $\pm$ stage e  $\pm$ télico. O primeiro fica por conta da informação de que o evento progride no tempo, enquanto o segundo carrega a informação da culminância do evento:

Rothstein (2004)	$\pm$ stage	$\pm$ télico	exemplos
Estado	-	-	Saber
Atividade	+	-	Nadar
<i>Achievement</i>	-	+	Pendurar
<i>Accomplishment</i>	+	+	Comer o bolo

A informação de telicidade é largamente explorada na literatura para justificar comportamentos lingüísticos dos mais variados tipos. Citaremos alguns. Os estudos de aquisição de linguagem costumam defender a hipótese de que os verbos de denotação télica são inicialmente usados com morfologia perfectiva. Ou seja, é mais fácil a criança compreender e falar sentenças do tipo “O copo caiu” do que “O copo tem desenho amarelo”. Depois é que a criança passa a referir perfectividade estativa e/ou imperfectividade ou iteratividade de eventos pontuais. Essa hipótese é conhecida na literatura como a “*Aspect First Hypothesis*” (AFH), e tem provocado posições contrárias evidenciadas por dados de outras línguas: (DELIDAKI ; VARLOKOSTA 2003; HODGSON 2003).

Longe de preocupações em aquisição, mas no mesmo raciocínio de aproximação entre verbos télicos e perfectivos, Bertinetto (2001) questiona a tentativa de generalização para a tendência de as línguas exibirem maior frequência de uso de sentenças com verbos télicos associados à morfologia perfectiva, e verbos atélicos associados à morfologia imperfectiva, como no quadro abaixo (os exemplos, novamente, foram inseridos em favor do didatismo). Para Bertinetto, as línguas eslavas quebrariam essa tendência:

Flexão Traços	+perfectivo	-perfectivo
+télico	Sim (A bola caiu)	? (A bola quica fácil)
-télico	Não (João soube matemática)	Sim (João sabia matemática)

Por fim, mais uma ilustração da exploração do traço  $\pm$ télico: Dowty (1991) faz uma proposta de teoria para a atribuição temática. Sua tese central é que, contrariamente a Chomsky (1986 apud DOWTY, 1991) e a formulação do critério- $\theta$ , a atribuição temática do verbo ao argumento não é um fenômeno discreto e isomórfico. Papel temático é na verdade, um conjunto de acarretamentos lexicais hierarquizados que definem um protótipo de categoria temática. Dowty fecha as categorias temáticas em duas: proto-agente e proto-paciente. Mas, para o que nos interessa aqui, o autor defende que a distinção dos intransitivos inacusativos - ou +télicos (chegar, morrer, cair) - vs. inergativos - ou -télicos (sorrir, caminhar, falar) - não é puramente sintática (inacusativos só têm objeto, e inergativos só têm sujeito), mas tem motivação temática: os inergativos têm volição. O resultado dessa associação é resumido na tabela abaixo (com exemplos nossos):

	atélico	Télico
Agentivo	Definitivamente inergativo (João nadou)	?
Não-agentivo	?	Definitivamente inacusativo (A mãe envelheceu)

É justamente a natureza do traço  $\pm$ télico a questão deste artigo. Pretendo defender aqui que a informação de telicidade é na verdade resultado de operações linguísticas que estão fora do léxico. Podemos ilustrar o fenômeno através das seguintes sentenças:

- (5) a. João comeu bem.  
b. João comeu todo o chocolate.
- (6) a. João nadou através da piscina.  
b. João nadou até o fim da piscina.

A sentença (5) traz um par de exemplos bem conhecido para quem começa a estudar aspecto. O verbo “comer” em (5a) é um verbo atividade, o que nos termos de Bertinetto (2001) quer dizer homogêneo, dinâmico e durativo, e nos termos de Rothstein (2004) quer dizer *stage* e atélico. Concordamos com tal fato, mas em (5b) o verbo “comer” transforma-se num *accomplishment*, pois passa a contemplar, para simplificar, o traço télico. Já em Vendler (1967), a natureza dos

*accomplishments* fica diferenciada das demais classes: os verbos *accomplishments* nesse texto inicial são todos ilustrados com objeto direto ou argumento interno. Não há *accomplishment* sem seu complemento, pois este participa com o verbo do desenrolar do evento. Além do caso de tema incremental em (5b), pois o objeto é consumido no decorrer do evento, há outros casos de *accomplishments* que também exibem essa dependência com o argumento interno, como por exemplo, os verbos de tema incremental de criação (7a), os verbos de mudança de estado (7b), os de trajetória (7c) e os de performance (7d) (TENNY, 1994):

- (7) a. João construiu a casa.  
b. João limpou a mesa.  
c. João andou os três quarteirões.  
d. João leu o poema.

Como a telicidade do *accomplishment* depende diretamente do objeto direto (VERKUYL 1993, 2002), objetos com quantificação genérica ou massivos transformam novamente o verbo em atividade:

- (8) a. João construiu casas.  
b. João limpou mesa.  
c. João andou quarteirões.  
d. João leu poema.

Rothstein (2004) tem uma saída mais interessante para o fenômeno. Segundo a autora, o léxico verbal fica de fato por conta das classes vendlerianas, e o VP tradicionalmente tratado como *accomplishment* (7) sofre projeção do traço télico do verbo. Quer dizer, em (7) há verbos *accomplishments* com VPs télicos; em (8), há verbos *accomplishments*, mas com VPs atélicos, pois a quantificação do objeto bloqueia a projeção do traço +télico para o VP.

Mas o fato é que a literatura costuma classificar verbos *accomplishments*, e portanto télicos, como VPs cujo objeto direto tem quantificação específica. A primeira pergunta mais do que intuitiva: 1) se é o objeto direto é quem dá telicidade ao VP, será o verbo *accomplishment* realmente télico?

Além das sentenças em (5), as sentenças em (6) também trazem mais uma questão para a telicidade. Se (6a) tem um complemento preposicionado, ou um PP adjunto, que confirma a atelicidade do verbo, o mesmo verbo atélico “nadar”, uma atividade, aparece em (6b) com complemento preposicionado que agora teliciza o

VP. Ora, então não é só o *accomplishment* que vai sofrer coerção pelos complementos verbais (tomando a noção de complemento no sentido lato), mas também as atividades que podem ser telicizadas no nível do VP (6b).

Novamente, há um tratamento interessante para isso. Tenny (1994) defende que os objetos diretos quantificados especificamente em (7) dão a medida do evento, numa formulação do que ela chama de princípio de mapeamento aspectual: o objeto direto - e só ele - pode dar a medida ou extensão do evento. Já os objetos diretos quantificados genericamente em (8) não dão a medida do evento, pois não têm quantificação para isso. Quanto aos complementos preposicionados de (6), a autora os chama generalizadamente de objetos indiretos. Aí vem outro princípio: o objeto indireto e só ele pode marcar o término do evento. Aí a confusão se instaura de vez. A segunda pergunta agora não tão intuitiva deriva imediatamente: 2) Se o objeto indireto preposicionado em alguns casos dá a telicidade ao VP, será o verbo *accomplishment* télico?

Um último argumento, que julgo definitivo, e talvez o mais ingênuo deles, diz respeito à telicidade atribuída aos *achievements*:

- (9) a. João quebrou a perna.  
b. João entregou o livro ao colega.

Ambos os verbos em (9) são considerados *achievements*, pois são dinâmicos, não-durativos e não homogêneos, ou não-*stage* e télicos. Na conta geral desses traços, os *achievements* são pontuais e télicos. Há uma contradição aqui. Se telicidade é a culminância de uma ação em processo, os *achievements* não têm duração ou não exibem o processo pressuposto no traço télico. Em outras palavras, não faz sentido dizer que *achievement* é télico se ele não tem culminância, só mudança de estado. A terceira e última pergunta: 3) Se os *achievements* são pontuais, e se telicidade é culminância de evento, faz sentido atribuir-lhes o traço +télico?

## Do léxico verbal à estrutura argumental

É justamente a reflexão sobre as três perguntas construídas acima que motivaram a hipótese aqui defendida: não há telicidade no verbo; ela está em

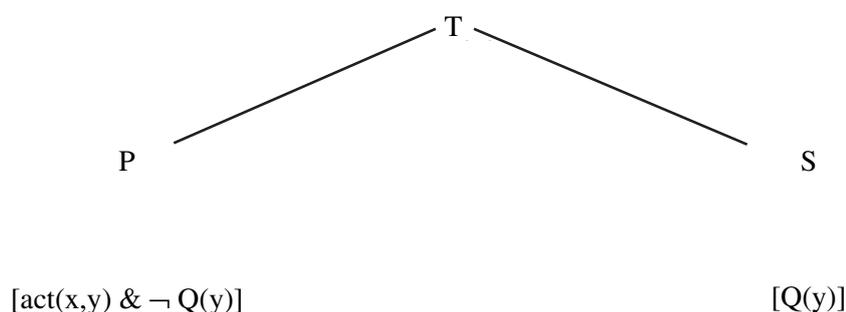
---

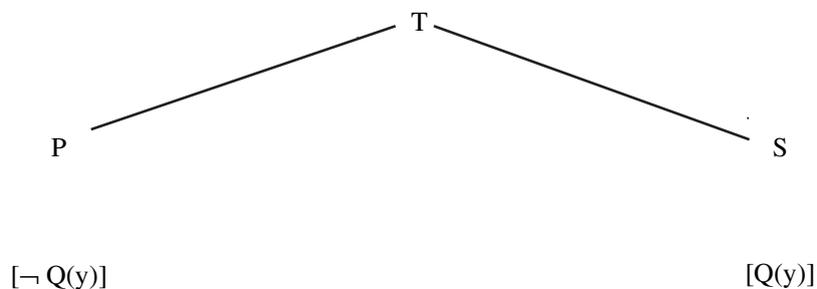
<sup>5</sup> A telicidade e suas manifestações na sentença seria efetivamente um assunto interessante para outro trabalho. Mas não pretendo chegar até ela aqui, pois há algo mais a dizer sobre o léxico do verbo.

outros fenômenos da sentença: na quantificação do objeto ou em PPs que marcam o término ou culminância.<sup>5</sup> No léxico, o que há é uma descrição de eventualidade (atemporal), que “pressupõe e envolve a noção de tempo” (VENDLER, 1967, p.97), mas não a denota. O tempo e sua configuração são operações – aspecto gramatical (para o PB). A eventualidade envolve não só “idéia” de tempo, mas “outros fatores, como a presença ou ausência do objeto, condições, estados de coisas, etc.” (VENDLER, 1967, p.97).

Minha resposta é a seguinte: com relação ao léxico, prefiro optar pela clássica noção aristotélica de “oposição”, que resgata indiretamente a noção de papel temático. Quer dizer, *accomplishments* e *achievements* têm pontos díspares (os esquemas temporais são diferentes), mas ambos são transições (PUSTEJOVSKY, 1991) que se definem por “afetar” um argumento interno numa relação de oposição de estados. Na esteira das teorias de estruturas de evento (LEVIN; RAPPOPORT 1988 apud PUSTEJOVSKY 1991), baseadas nas operações sobre predicados de Dowty (1979), Pustejovsky propõe as estruturas (10) e (11) abaixo para as classes *accomplishments* e *achievements*. Nelas, T é transição, S é estado, P é processo e Q é uma variável de propriedade que sofre a relação de oposição pressuposta nas transições de *accomplishments* e *achievements*. Logo, *accomplishments* são transições em que a mudança de predicação também pressupõe um processo em que algum x age sobre y. Em “João limpou a mesa”, por exemplo, João (x) age na mudança de estado da mesa (y). Os *achievements*, por outro lado, são transições que não pressupõem o processo, mas só uma oposição na propriedade de y. Em “João quebrou o copo”, por exemplo, tem-se apenas a mudança de estado do copo (y), de não-quebrado para quebrado.

(10) *Accomplishment*:



(11) *Achievement*:

Dito de outra forma e mantendo parte dos traços das classes aspectuais: *accomplishments* e *achievements* têm argumento interno que é afetado, mas um é durativo e causativo e outro é pontual. É possível esboçar uma reconstrução da tabela de Bertinetto (2001), incrementando-a com informações do mapeamento sintático, inclusive sobre mapeamento temático de Dowty (1991):

Nesse sentido, léxico e aspecto gramatical são dois níveis de leitura distintos, que merecem relevância em análise de aspecto. Mas a descrição do léxico como a apontada neste artigo traz mais informações além das pressuposições temporais: argumentais e temáticas, por exemplo. Isso acarreta numa supervalorização do léxico que envolve semântica e sintaxe, uma espécie de mapeamento sintático da estrutura argumental que está na semântica da raiz verbal (DOWTY, 1991; LEVIN; HOVAV, 2006; GROPEN et al. 1991; GRIMSHAW 1990, 2005).

WACHOWICZ, Teresa Cristina. Telicity and aspectual classes. **Revista do Gel**, São Paulo, v.5, n.1, p. 57-68, 2008.

**ABSTRACT:** *This paper discusses the lexical aspectual reading of verbs in Brazilian Portuguese. The central question is about telicity, generally labeled to accomplishment (build a house, clean the table) and achievement (break an arm; fall down) classes. The hypothesis is that the telicity feature is not in the lexicon; the lexical information has another nature: an opposition of predication about the affected direct object. This implies immediately that the verbal lexicon brings semantic and syntactic information.*

**KEYWORDS:** *Aspect. Lexicon. Telicity.*

## Referências

BERTINETTO, Píer Marco. On a frequent misunderstanding in the temporal-aspectual domain: the perfective-telic confusion. In: CECCHETTO, Carlo.; CHIERCHIA, Gennaro; GAUSTI, Maria Teresa (Ed.). **Semantic interfaces: reference, anaphora and aspect**. Stanford: CSLI, 2001. p.177-210.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. O aspecto verbal no português falado. In: NEVES, Maria Helena de Moura (Org.). **Gramática do português falado, v.7: novos estudos**. Campinas: Ed. Unicamp, 2002. p.83-121.

COMRIE, Benard. **Aspect**. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

DELIDAKI, Sophia; VARLOKOSTA, Spyridoula. Testing the Aspect First Hypothesis: a preliminary investigation into comprehension of tense in child Greek. **ZAS Papers in Linguistics**, Berlin, n.29, p.73-84, 2003.

DOWTY, David. Thematic proto-roles and argument selection. **Language**, Baltimore, v.67, n.3, p.547-619, 1991.

\_\_\_\_\_. **Word meaning and montague grammar**. Dordrecht: Reidel, 1979.

GRIMSHAW, Jane. **Words and structure**. Stanford: CSLI: Publications, 2005.

\_\_\_\_\_. **Argument structure**. Cambridge: MIT Press, 1990.

GROPEN, Jass et al. Affectedness and direct objects: the role of lexical semantics in the acquisition of verb argument structure. **Cognition**, Amsterdam, v.41, p. 153-195, 1991.

HODGSON, Miren. The acquisition of Spanish perfective aspect: a study on children's production and comprehension. **ZAS Papers in Linguistics**, Berlin, n.29, p.105-117, 2003.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss de língua portuguesa**. 1.ed. São Paulo: Objetiva, 2001.

KRIFKA, Manfred. The origins of telicity. In: ROTHSTEIN, Susan (Ed.). **Events and grammar**. London: Kluwer, 1998. p.197-235.

LEVIN, Beth; HOVAV, Malka Rappaport. **Argument realization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

PUSTEJOVSKY, James. The syntax of event structure. **Cognition**, Amsterdam, v. 41, p.47-81, 1991.

ROTHSTEIN, Susan. **Structuring events**: a study in the semantics of lexical aspect. Oxford: Blackwell Publishing, 2004.

SINGH, Mona. On the semantics of the perfective aspect. **Natural Language Semantics**, Netherlands, v.6, n.2, p.171-199, 1998.

SMITH, Carlota S. **The parameter of aspect**. London: Kluwer Academic Publishers, 1997.

SWART, Henriëtte de. Aspect shift and coercion. **Natural language and linguistic theory**, Netherlands, v.16, n.2, p.347-385, 1998.

TENNY, Carol. **Aspectual roles and the syntax-semantics interface**. London: Kluwer Academic Publishers, 1994.

VENDLER, Zeno. **Linguistics in philosophy**. Ithaca: Cornell University Press, 1967.

VERKUYL, Henk J. Aspectual composition: surveying the ingredients, 2002. Disponível em: <<http://www.let.uu.nl/~Henk.Verkuyl/personal/>>. Acesso em: 17 jul. 2004.

\_\_\_\_\_. **Aspectual issues**: studies on time and quantity. Stanford: CSLI Publications, 1999.

\_\_\_\_\_. **A theory of aspectuality**: the interpretation between temporal and atemporal structure. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

\_\_\_\_\_. aspectual classes and aspectual composition. **Linguistics and Philosophy**, Dordrecht, v.12, p. 39-94, 1989.

WACHOWICZ, Teresa Cristina; FOLTRAN, Maria José. Sobre a noção de aspecto. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, v.48, n.2, p.211-232, 2007.